

EDITORIAL

O perigo do homem se extinguir é negligenciável, a não ser que se extermine a si mesmo em uma guerra atômica ou outra loucura. Nenhum outro organismo pode viver com sucesso em tantas zonas climáticas e em tantos habitats. O homem é suficientemente polimórfico para que mesmo as doenças mais devastadoras, como a AIDS, deixem sobreviventes. A vida semi-isolada da sociedade aumenta a probabilidade de sobrevivência. Em bases puramente biológicas, então, não há razão para ter dúvidas sobre a continuidade genética do homem (MAYR, 1904).

Considerando-se, também em bases puramente biológicas que a espécie humana vai se preservar, devemos nós, que estamos vivendo neste conflitante período, onde existem as grandes devastações, aumento da poluição, eliminação de espécies animais, e outros fatores que parecem abalar a estrutura da nossa espécie, nos conscientizarmos que a melhor forma de convivermos com tudo isso é lançarmos mão da nossa adaptabilidade.

Apenas os mais aptos de uma população podem pensar em desenvolver um comportamento altruístico. Os mais aptos na população humana são aqueles que apresentam uma mente tranqüila e positivista, e em decorrência destes fatores, as manifestações biológicas, como intelectualidade ou outra capacidade para auxiliar a preservação da espécie, naturalmente aparecem.

Como a pressão da seleção natural incomoda e tende a eliminar os menos adaptados, a revista Bioikos, defende que a plasticidade das pessoas sejam desenvolvidas no sentido de torná-las mais aptas, para que alegres e satisfeitas, elas possam, não acomodar-se perante aos problemas que causam o detrimento da vida, mas sim, adaptados à eles, enfre-tá-los, mantendo tanto o progresso da ciência, como o bem estar pessoal.

Ariovaldo Sant'Ana